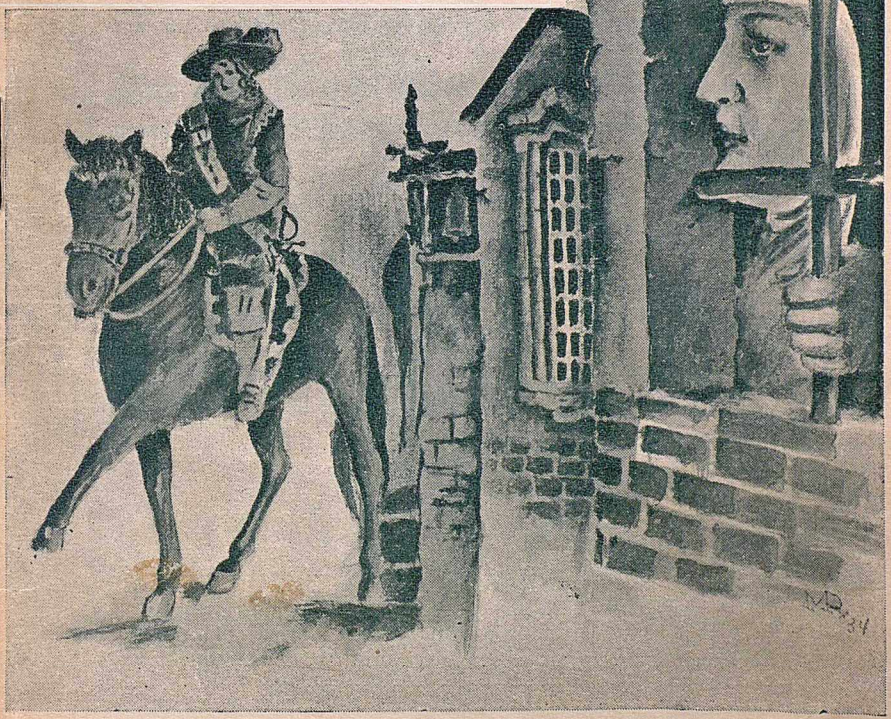
B
12.296
S

OR MARIANA ALCOFORADO

CARTAS DE AMOR AO CAVALHEIRO DE CHAMILLY



LIVRARIA PROFISSIONAL
RUA ANCHIETA, 5-A E 7 (AO GOVERNO CIVIL) — LISBOA

U.U.E.13 b.3 No.8 m.1

Soror Mariana Alcoforado

B
S/12.296

SOROR MARIANA ALCOFORADO

CARTAS DE AMOR AO CAVALHEIRO DE CHAMILLY

BIBLIOTECA PUBLICA
ARQUIVO DISTRITAL
EVORA

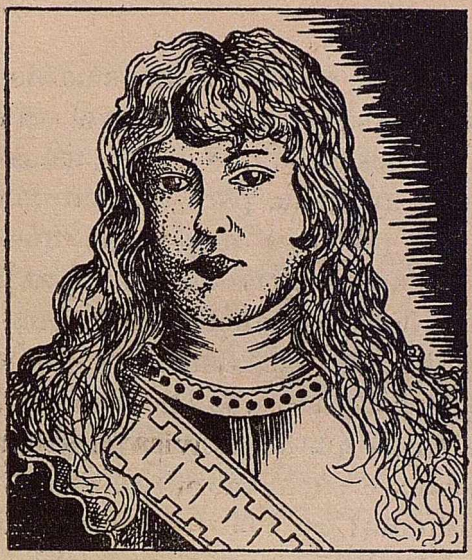
LIVRARIA PROFISSIONAL
5-A, RUA ANCHIETA, 7

Notas históricas biográficas

D. Mariana Alcoforado, mais conhecida por Soror Mariana, estava um dia à janela do Convento de Beja, quando viu passar na rua, a cavalo, o cavaleiro de Chamilly. Era êle então (1661) um moço de 27 anos, muito valente na guerra, e quando entrou em Portugal, já havia militado bravamente em Valenciennes, etc., etc. Em 1668 o sr. de Chamilly era capitão dum regimento de cavalaria e fora um dos oficiais franceses que sete anos antes, acompanharam a Portugal o Marechal de Schomberg. Regressando a França o sr. de Chamilly, partiu para a expedição de Candia, distinguiu-se na invasão da Holanda, etc., etc. Morreu Marechal de França em 1715 com 81 ano.

Soror Mariana Alcoforado, nasceu na cidade de Beja, foi batisada na igreja matriz de Santa Maria da Feira a 22 de Abril de 1640, sendo seu padrinho D. Francisco da Gama, Conde da Vidigueira. Morreu em 1723 com 83 anos.

Dos Dicionários Popular e Portugal.



I

Nesses teus olhos em que via tanto amôr

Considera, meu Amor, quão excessivo foi o teu descuido de prever o que havia de suceder-nos!

Ah, infeliz! fôste enganado, e me traiste, por lisongeiras esperanças mentirosas. Uma afeição sôbre que tinhas fundado tantos projectos deleitosos, e da qual te prometias

infinito prazer, põe-te agora numa desesperação mortal sòmente comparável em crueldade à da ausência, que é dela causa. ¿E ha de esta ausência, para a qual ainda a minha dôr, por mais engenhosa que seja, não soube achar nome assás funesto, há de ela privar-me de contemplar aqueles olhos em que divisava tanto amor, e que me faziam colher afectos, que enchiam meu peito de alegria, que eram tudo para mim, tudo supriam, e enfim me satisfaziam?

Ai de mim! os meus ficaram privados da única luz que os animava, só lhes restam lágrimas; nem eu lhes dou outro exercício senão o de chorar contínuamente, desde o instante que soube estares resolvido a uma separação, para mim tão insofrível, que em breve tempo me acabará. Parece-me, porém, que de algum modo me afeiçôo a infortúnios, dos quais és a única causa. Dediquei-te a minha vida apenas te vi, e sinto algum gôso em fazer-te dela sacrifício. Milhares de vezes por dia a ti envio os meus suspiros, que te procuram por toda a parte, e não me trazem outra recompensa de tantas inquietações, mais do que um

aviso, por demasia sincero, da minha má Fortuna, a qual cruamente não consente que eu me lisonjeie, mas repete-me a cada instante: «Cessa, cessa, ó Mariana desditosa, de consumir-te em vão e de procurar um amante que já mais tornarás a ver, que passou os mares para fugir de ti, que vive em França entregue às suas delícias, e que nem um só momento cuida nas tuas mágoas, que te dispensa de todos esses transportes, e não sabe agradecer-tos . . . »

Mas não, eu não posso resolver-me a formar de ti um conceito tão afrontoso, e tenho nímio interêsse em justificar-te. Não quero mesmo imaginar que te esqueceste de mim.

¿E não sou eu já assás desaventurada, sem que ainda me deixe atormentar por falsas suspeitas?

¿Para que fazer esforços para apagar da memória todos os desvelos, com que anelaste a dar-me provas do teu amor?

Ah! todos êstes desvelos tanto me encantaram, que eu seria uma ingrata se não te amasse com o mesmo arrebatamento a que me impelia a minha paixão, quando goza-

va dêsses testemunhos que me davas recìprocamente da tua.

¿Como é possivel que lembranças de momentos tão agradáveis se tornassem tão cruéis? ¿E que hajam de necessidade, em despeito da sua própria natureza, servir sòmente para tiranizar o meu coração?

Ai de mim! A tua última carta o reduziu a um estado miserando: as suas palpitações foram tão sensíveis, que pareciam-me como esforços para separar-se de mim, e reünir-se a ti. Fiquei tão abatida destas comoções violentas que caí em um desmaio por mais de três horas, perdidos os sentidos . . . Lutava assim contra a vida que não queria recobrar, pois devo perdê-la por ti, já que não posso conservá-la para ti . . . Enfim, tornei de mau grado a ver a luz... Comprazia-me o sentir que morria de amor . . . e de mais estimava cessar para sempre de sofrer as angústias de um coração, despedaçado pela dôr da tua ausência.

Depois dêste acidente, padeci muitas e diversas indisposições; ¿mas como posso eu existir sem males, enquanto não torno a

ver-te? Sei suportá-los, sem murmurar, porque de ti proveem.

Como? ¿E' essa a retribuïção que me dás por haver-te amado com tão extremada ternura? Não importa. Estou resolvida a adorar-te tôda a minha vida, e a não ver mais pessoa alguma . . . e certifico-te que farias bem de não amar juntamente ninguém. ¿Acaso poderias contentar-te com outra paixão menos ardente do que a minha? Encontrarias mais formosura— ainda que em outro tempo me disseste que me não faltava gentileza,—mas nunca acharias tanto amor . . . e tudo o mais é nada.

Deixa de encher as tuas cartas de ociosidades: não me escrevas, que me lembro de ti.

Eu não posso esquecer-te, nem tão pouco me esqueço da esperança, que me déste, de vir passar comigo algum tempo. Ah! ¿porque não queres tu passar assim tôda a vida? Se me fôsse possível sair desta amaldiçoada clausura, não esperaria certo em Portugal o cumprimento das tuas promessas, mas partiria desconcertadamente a buscar-te, seguir-te e amar-te por todo o

mundo. Não ouso lisonjear-me desta possibilidade, e não quero nutrir uma esperança, que me daria seguramente algum gôsto, pois só quero ser sensível aos meus pesares.

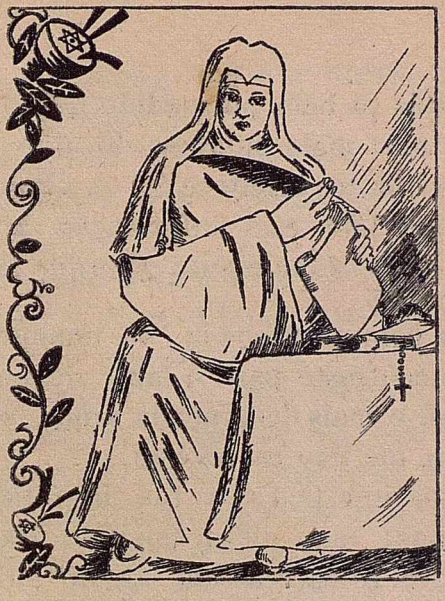
Confesso, todavia, que meu irmão, oferecendo-me uma ocasião de escrever-te, causou-me a surprêsa de alguma sensação de alegria, e suspendeu por um instante a desesperação em que estou.

Conjuro-te de dizer-me ¿para que te aplicaste com tanta eficácia a encantar-me, como fizeste, sabendo mui bem que devias abandonar-me? Ah! dize, ¿porque motivo te assanhaste em fazer-me desgraçada? ¿Porque me não deixaste tranqüila no meu claustro? ¿Que injúria ou mal te havia eu feito!? Mas perdôa. Não te imputo culpa alguma. Não me sinto com fôrças de cuidar da minha vingança: acuso ùnicamente o rigor do meu acerbo destino. Parece-me que, separando-nos, fez-nos todo o mal que podiamos temer. Separar nossos corações não poderia. O amor, mais poderoso do que êle, os ligou por tôda a nossa vida.

Se tens algum interêsse na conserva-

ção da minha, escreve freqüentemente. Bem mereço atenção e cuidado de me participares o estado do teu coração e da tua fortuna. Sobretudo . . . vem a ver-me. Adeus! não posso largar êste papel, que há de ir ás tuas mãos. Bem quizera ter a mesma dita . . .

Ai! que loucura é a minha! Percebo, ainda mal, que isso não é possível . . . Adeus! não posso mais . . Adeus! Ama-me constantemente, e faze-me padecer ainda maiores males.



II

Ai! porque tratar com tanto rigor
um coração que é teu?

O teu tenente acaba de dizer-me que fôras obrigado a arribar, por fôrça de uma tormenta, no reino do Algarve. Receio que sofrêsses muito sôbre o mar, e esta apreensão se apoderou de mim tão vivamente, que não cuidei mais nos meus males . . .

¿Estás tu bem persuadido que o teu tenente toma mais interêsse do que eu, em tudo o que te acontece? . . . ¿Porque razão teve êle esta informação antes de mim? . . . Finalmente ¿porque não me escrevêste? . . .

Sou bem desgraçada, se nenhuma ocasião encontraste para o fazer depois da tua partida, e mais desgraçada ainda, se tendo ocasião, me não escrevêste! . . .

A tua injustiça e a tua ingratidão são extrêmas; mas afligir-me-ia desesperadamente, se te carreassem algum infortúnio. pois antes quero que delas não recebas o castigo, do que ver-me vingada. Resisto a tôdas as aparências que deveriam persuadir-me de que mui pouco amor me tens e sinto maior propensão a abandonar-me cègamente à minha paixão, do que às razões que me ofereces para queixar-me da tua falta de atenção e cuidado, ¡ Quantas inquietações me terias poupado se o teu procedimento fôsse tão remisso e lânguido nos primeiros dias que te vi, como me parece agora, e desde algum tempo! . . .

¿Mas quem não deixaria enganar-se como

eu, por tantos desvelos e a quem não pareceriam êles sinceros? . . .

¡Quanto custa resolver-nos a suspeitar longamente da boa fé daqueles que amamos! . . .

Vejo muito bem que a menor desculpa te satisfaz e antes que tu atendas a dar-mas, o amor que tenho por ti serve-te com tanta fidelidade, que não posso consentir em descobrir-te culpas, se não para gozar do sensível prazer de justificar-te eu mesma! Consumiste-me com as tuas assíduas perseveranças, inflamaste-me com as tuas finezas, asseguraste-me com os teus juramentos, a minha inclinação violenta seduziu-me, e as conseqüências dêstes começos tão agradáveis e tão venturosos não são mais do que lágrimas, gemidos e uma funesta morte, sem que possa achar-lhe algum remédio! Verdade é que, amando-te, gozei deleitações maravilhosas, mas custam-me hoje penas extraordinárias! . . .

Todas as comoções que me causas são extrêmas . . . Se eu tivesse resistido ao teu amor, se te houvesse dado qualquer motivo de enfado e de ciúme, para mais in-

flamar-te;— se eu tivesse notado no meu proceder alguma reserva artificiosa;— se eu, enfim, tivesse querido opôr a razão à inclinação natural que para ti sentia e da qual me advertiste,— pôsto que os meus esforços sem dúvida teriam sido inúteis;—poderias castigar-me severamente, servindo-te de todo o teu poderío.

Mas pareceste-me amável; antes de me haveres dito que me amavas, juráste sentir por mim a maior paixão; fiquei de gôsto absorta e entreguei-me a amar-te profundamente . . Tu não estavas, como eu, vendado; ¿porque sofrêste, pois, que eu caísse no estado em que me acho? . . . ¿Que querias tu fazer dos meus enlevamentos, que não podiam deixar de ser-te muito importunos? . . . Tu bem sabias que não havias de ficar sempre em Portugal; ¿ e por que a belprazer me escolheste aqui, para fazer-me tão desgraçada? Neste país terias sem dúvida encontrado outra qualquer mulher mais formosa, com a qual terias desfrutado iguais divertimentos, pois só os grosseiros procuravas;—que te teria amado com fidelidade; enquanto estivesses presen-

te à sua vista, e que o tempo teria podido consolar fàcilmente da tua ausência, e que terias podido abandonar sem perfídia e sem crueldade . . . Semelhante procedimento é mais próprio de um tirano afincado a perseguir, do que um amante, que só deve pôr cuidado em agradar.

Ai de mim! ¿porque tratas com tanto rigor um coração todo teu? Vejo claramente que és tão fácil em deixar-te persuadir contra mim, como eu o fui em deixar-me persuadir a favôr de ti. Eu teria resistido, sem o estímulo de todo o meu amor, e sem o mais leve pensamento de ter feito alguma façanha, a razões maiores do que as que puderam obrigar-te a deixar-me . . . Todas me teriam parecido mui fracas, e nenhuma teria tido a fôrça de arrancar-me do teu lado . . .

Mas tu quiseste aproveitar os pretextos que pudeste achar para voltar a França... Um navio partia . . . Deixá-lo partir! . . . A tua família te havia escrito . . . ¿Ignoras tu as perseguições que eu sofri da minha? . . A honra obriga-te a me abandonar . . . ¿Curei eu da minha? . . . Tinhas

obrigação de ir servir o teu Rei . . . Se tudo que dêle dizem é verdade, podia escusar os teus serviços e saberia desculpar-te.

Teria sido nìmiamente afortunada se juntos tivéssemos passado a vida; mas já que era forçoso que uma ausência cruel nos separasse, parece-me que devo sentir grande satisfação de não ter sido infiel, e não quisera, por quanto há no mundo, ter cometido uma acção tão feia . . .

Como! . . . Conheceste o fundo do meu coração e o extrêmo da minha ternura, ¿e pudeste resolver-te a deixar-me para todo sempre, e a expôr-me aos sustos que devem assaltar-me do teu esquecimento ou ao receio de que te lembres sòmente de mim para sacrificar-me a uma nova paixão ?!...

Bem vejo que te amo como uma louca. Contudo não me queixo de todos os ímpetos violentos do meu coração. Habituo-me às suas perseguições, e mal poderia viver sem um particular prazer que descubro e desfruto, amando-te entre mil dôres e pesares . . . Mas o que me mortifica sem cessar é o teu enjôo e aversão, que tenho

para tudo . . . A minha família, os meus amigos, êste convento são-me insuportáveis. Tudo que de obrigação devo ver, tudo que de necessidade dêvo fazer, me é odioso . . .

Tão zelosa sou da minha paixão, que, a meu parecer, todas as minhas acções, todos os meus deveres te dizem respeito . . .

Sim, faço algum escrúpulo se não emprego por ti todos os momentos da minha vida . . . Que faria, ai de mim! sem tamanho ódio e tamanho amor, quais enchem o coração! ¿Poderia eu sobreviver ao que me ocupa continuadamente, para levar uma vida tranqüila e lânguida? . . . Não, semelhante vácúo e tal insensibilidade, não me convém.

Todos reparam na mudança completa do meu génio, do meu modo, e de tôda a minha pessoa . . . Minha mãe falou-me nisto ao principio com desabrimento, depois com alguma bondade . . . Não sei o que lhe respondi. Parece-me que tudo lhe confessei... As mais austeras religiosas compadecem-se do estado em que me vêem: mesmo é causa ne mostrarem certa consideração e melindre para comigo. Todos se comovem

do meu insano amor . . . e tu só, tu permaneces em profunda indiferença . . . sem escrever-me senão cartas frias, cheias de cansadas repetições, que nem enchem a metade do papel, dando a conhecer grosseiramente que morrias de impaciência de findá-las . . .

D. Brites perseguiu-me, ha alguns dias, para fazer-me sair do meu aposento, e julgando divertir-me, levou-me à varanda donde se vê Mértola . . . Segui-a, sim, mas ali fui assaltada imediatamente por uma cruel lembrança, que me fez derramar lágrimas todo o resto do dia. Reconduziu-me, e apenas chegada, deitei-me sôbre a cama, aonde fiz mil reflexões sôbre a pouca aparência que vejo de já mais sarar . . . Tudo que fazem, para aliviar-me, exaspera a minha dôr, e nos mesmos remédios acho motivos particulares de afligir-me . . . Naquêle lugar te vi passar muitas vezes com um garbo e gentileza que me encantavam. Achava-me sôbre esta varanda no dia fatal em que comecei a sentir os primeiros efeitos da minha desditosa paixão. Pareceu-me que desejavas agradar-me, ainda sem me

conheceres. Persuadi-me que me tinhas distinguido entre todas as minhas companheiras. Imaginei, quando te demoravas, que tinhas gôsto de que eu admirasse a destreza e bizarria com que arremessavas o teu cavalo. Surpreendeu-me mesmo o susto que experimentei, quando o fizeste passar por um sítio escabroso.

Enfim, interessava-me secretamente em todas as tuas acções. Bem sentia que não me eras indiferente, e tomava para mim tudo o que fazias. Tu conheces em demasia as conseqüências dêstes começos, e ainda que não tenha a guardar respeitos, não devo contudo referir-tas, receando de aumentar os teus crimes, de argüir-me de tantas diligências inúteis para obrigar-te a ser-me fiel . . .

Não o serás, ingrato! . . .

¿Como posso esperar eu das minhas cartas e dos meus queixumes, o qne o meu amor e inteiro abandôno não puderam vencer da tua ingratidão? Estou mais que certa da minha infelicidade, o teu iníquo procedimento não me deixa a menor razão para duvidar dela; tudo devo aprender,

pois me abandonaste! ¿Os teus atractivos terão porventura só poder sôbre mim? ¿Deixárás tu de parecer bem a outros olhos? Creio que não desestimaria que os sentimentos dos outros justificassem de algum modo os teus, e quiséra que todas as damas de França te reputassem amável, que nenhuma te amasse, e que nenhuma te agradasse. Este projecto fantástico é ridículo e impossível; não obstante saber assás de própria experiência quão pouco és capaz de uma tenaz afeição, e que para esquecer-me não careces de auxílio algum, nem de ser constrangido por uma nova paixão. Talvez desejava conhecer-te algum pretexto com lume de razão . . . Verdade é que eu seria mais desgraçada, mas tu menos culpável.

Vejo ainda mal, que te demorarás em França, sem grande contentamento, com plena liberdade. As fadigas de uma viagem longa, quaisquer pequeninas obrigações e o pejo de não corresponder aos meus transportes, são as causas que te reteem. Ah! não me têmas . . . Contentar-me-hei com ver-te de tempos a tempos, e saber única-

mente que vivemos no mesmo sítio, e respiramos o mesmo ar. Mas quiça lisonjeio-me, a severidade e rigores de outra mulher te comoveram mais do que te comoveram os meus favores . . . ¿Será possível que maus tratos tenham a eficácia de incender-te? Reflecte, porém, antes de enlear-te em uma grande paixão, e atende o excesso das minhas dolorosas aflições, a incerteza de todos os meus projectos, a diversidade das agitações de minha alma, a extravagância das minhas cartas, as minhas confianças, as minhas desesperações, os meus anelantes desejos, os meus ciúmes . . . Ah! guarda-te da infelicidade que te espera . . .

Conjuro-te de tirar proveito do estado em que eu caí, para que, ao menos, o que sôfro por ti não te seja inútil.

Haverá cinco ou seis meses, fizeste-me uma confidência molesta, confessando-me, com demasiada sinceridade, que tinhas amado uma dama no teu país . . . Se é ela quem te impede de voltar aqui, dize-mo sem disfarce, para que césse de finar-me lentamente. Algum resto de esperança sus-

tenta-me ainda; mas se êste deve ser frustrado, estimaria mais perdê-la inteiramente, e perder-me com ela . . . Manda-me o seu retrato e algumas das suas cartas. Escreve-me tudo que ela te diz. Talvez descubrirei motivos de consolar-me ou de ainda mais afligir-me. Não posso aturar por mais tempo êste trabalhoso estado em que permanêço: toda a mudança me será favorável . . . Quisera também possuir o de teu irmão e o de tua cunhada. Tudo que te pertence me é por extrêmo caro; e sou perfeitamente devóta a tudo que te diz respeito. Nada reservei para mim, nenhuma disposição de mim mesma . . . Ha momentos nos quais me parece que seria capaz de submeter-me até a servir aquela que amas...

Tanto os teus maus tratos e desprezos me teem abatido, que não ouso ás vezes nem sequer cogitar que poderia, a meu parecer, demandar-te ciúmes sem desagradar-te, e que creio obrar com a maior sem-razão em dirigir-te reproches . . . Muitas vezes deixo-me convencer que não devo manifestar-te com insano furor, como faço, sentimentos que tu desdenhas . . .

Ha muito tempo que um oficial espera por esta carta . . . Tinha resolvido escrevê-la de modo que pudesse recebê-la sem desgosto, mas é demasiado extravagante... é necessário terminá-la. Ai de mim! não me sinto com fôrças para tomar esta resolução. Parece-me que te falo quando te escrevo, e que me estás algum tanto mais presente. . .

A primeira que te escrever não será nem tão extensa, nem tão enfadonha. Poderás abri-la e lê-la fiado na minha palavra. Verdade é que não devo falar-te de uma paixão que te é desagradável, e dela mais não te falarei. Daqui a poucos dias fará um ano que me abandonei toda a ti, sem alguma consideração e comedimento. O teu amor parecia-me muito fervoroso e jàmais teria pensado, nem por sombras, que os meus favores te desgostassem, até obrigarem-te a fazer quinhentas léguas e a expor-te a naufrágios, só para te alongares de mim. De ninguém era de esperar semelhante tratamento! . . . Podes lembrar-te do meu pudor, da minha confusão, da minha desordem . . . mas tu não te lembras de cousa

alguma, que haja de obrigar-te, mau grado teu, a amar-me!

O oficial, que deve levar-te a minha carta, avisa-me pela quarta vez que quer partir. ¡Que pressa tem!. . . Abandona certamente alguma pobre desgraçada neste país. Adeus! Custa-me mais acabar esta carta, do que te custou deixar-me, talvez para sempre. Adeus. Não me atrêvo a dar-te mil ternos nomes, nem abandonar-me, livre de qualquer constrangimento, a todos os meus afectos . . .

Amo-te mil vezes mais que a própria vida, e mil vezes mais do que imagino ! Quanto me és caro, e quanto és cruel para mim!. . .

Tu não me escreves!. . .

Não pude coïbir-me de repetir-te ainda isto . . .

Torno a principiar, e o oficial partirá... Que importa?. . . Parta embora . . . Eu escrevo mais para mim do que para ti . . Não procuro senão desabafar; assim também o comprimento da minha carta te ha de meter mêdo . . . Não a lerás . . .

¿Que fiz eu para ser tão desditosa? . . .

¿E porque infeccionaste com veneno a minha vida? . . . Ah! ¿porque não nasci em outra terra? . . . Adeus; desculpa-me . . . Não ouso rogar-te que me ames . . . Vê a que termos me reduziu o meu destino! . . . Adeus!

III

Verdadeiramente o íntimo enlevo dos nossos prazeres

¿Que será de mim? . . . ¿e que queres tu que eu faça? . . . Vejo-me bem longe de tudo o que tinha imaginado! Esperava que me escrevesses de todos os lugares por onde passasses; que as tuas cartas seriam mui extensas; que alimentarias a minha

paixão com as esperanças de ainda ver-te; que uma inteira confiança na tua fidelidade me daria alguma espécie de repouso; e que ficaria assim em um estado assás suportável, sem extrema dôr. Tinha até formado alguns leves projectos de fazer os esforços que me fôssem possíveis para curar-me, no caso de saber com certeza que me tinha esquècido completamente.

A tua ausência, alguns toques de devoção, o receio natural de arruïnar totalmente a pouca saúde que me resta por cansadas vigílias e tantas inquietações, a escassa aparência da tua volta, a frieza da tua afeição e dos teus últimos adeuses, a tua partida fundada em frívolos pretextos, mil outras razões mais que boas e demasiado inúteis, pareciam prometer-me um auxílio assás certo, se me viesse a ser necessário. Não tendo enfim a combater senão comigo, mal podia desconfiar de todas as minhas fraquezas, nem aprender tudo o que hoje sôfro . . . Oh! triste de mim! Quanta paixão mereço, visto não sermos ambos participantes das pênas, mas eu só a desgraçada! . . . Êste pensamento mata-me, e morro

de susto de que jámais tenhas sido extremamente sensível a todos os nossos prazeres. Agora sim, conheço a má fé de todos os teus afectos . . . Enganavas-me todas as vezes que me dizias ter sumo gôsto de estar só comigo . . . Ás minhas importunações devo sómente os teus desvelos e transportes . . . De sangue frio formaste a tenção de me abrasar e consideraste a minha paixão como um troféu, sem que o teu coração jámais fôsse comovido entranhàvelmente . . ¿Não deves tu ser bem infeliz e ter bem pouca delicadeza, para nunca haver sabido colhêr outro fruto dos meus enlevamentos? . . . ¿E como é possível que com tanto amor eu não tenha podido fazer-te completamente venturoso? . . .

Lamento, por amor de ti sómente, as deleitações infinitas que perdeste . . . ¿Porque fatalidade não quiseste desfrutá-las? . . Ah! se as conhecesses, acharias sem dúvida que são mais sensíveis de que a satisfação de me ter seduzido, e terias experimentado que somos mais felizes, e sentimos qualquer coisa de mais fino mimo em amar ardentemente, do que em ser amados.

Não sei nem o que sou, nem o que faço, nem o que desejo . . . Mil tormentos contrários me despedaçam! . . . ¿Quem poderá imaginar um estado mais deploravel? . . . Amo-te como uma perdida, e modero-me ainda assim contigo, até não ousar talvez desejar-te as mesmas tribulações. os mesmos transportes que me agitam . . . Matar-me-ia, ou a não fazê-lo, morreria de dor, se estivesse certa que nunca tinhas repouso, que a tua vida era uma contínua desordem e perturbação, que não cessavas de derramar lágrimas e que tudo aborrecias . . .

Eu não sinto fôrças para os meus males, ¿como poderia suportar a dôr que me causariam os teus, mil vezes mais penetrantes? . . . Contudo não posso do mesmo modo resolver-me a desejar que não me tragas no pensamento e, para falar-te sinceramente, sinto com furor ciúme de tudo quanto possa causar-te alegria, comover o teu coração e dar-te gôsto em França.

Ignoro por que motivo te escrevo . . . Vêjo que apenas terás dó de mim, e eu rejeito a tua compaixão, e nada quero dela.

Enfado-me contra mim mesma, quando faço reflexão sôbre tudo o que te sacrifiquei . . . Perdi a minha reputação, expús-me aos furores de meus pais e parentes, às severas leis dêste Reino contra as religiosas . . . e á tua ingratidão, que me parece a maior de todas as desgraças . . . Ainda assim eu sinto que os meus remorsos não são verdadeiros, e que do íntimo do meu coração quisera ter corrido muito maiores perigos por amor de ti, e provo um funesto prazer de ter arriscado por ti a vida e honra. ¿Tudo o que é mais precioso não devia eu entregá-lo à tua disposição? . . . ¿E não devo eu ter muita satisfação de o ter empregado como fiz? . . . Parece-me até não estar contente, nem das minhas mágoas, nem do excesso do meu amor, ainda que, ai de mim! não possa, mal pecado, lisonjear-me de estar contente de ti . . . Vivo, e como desleal, faço tanto por conservar a vida, quanto perdê-la! . . . Morro de vergonha . . . ¿acaso a minha desesperação existe sòmente nas minhas cartas? . . . ¿Se eu te amasse com aquele extrêmo que milhares de vezes te disse, não

teria eu já de longo tempo cessado de viver? . . . Enganei-te . . . tens toda a razão de queixar-te de mim . . . Ah! ¿porque te não queixas?

Vi-te partir; nenhumas esperanças posso ter de mais ver-te, e ainda respiro! . . . E' uma traição . . . Peço-te dela o perdão. Mas não mo concêdas . . .

Trata-me rigorosamente. Não julgues os meus sentimentos assás veementes . . . Sê mais difícil de contentar . . . Ordena-me nas tuas cartas que morra de amor por ti . . .

Oh! conjuro-te de me dar êste auxilío, para poder vencer a fraqueza de meu sexo e pôr termo às minhas irresoluções, por um golpe de verdadeira desesperação. Um fim trágico obrigar-te-ia, sem dúvida, a pensar muitas vezes em mim . . . A minha memória te seria cara e quiça esta morte extraordinária te causaria uma sensível comoção. ¿E a morte não é porventura preferível ao estado a que me abaixas-te? . . .

Adeus!

Muito quizera nunca haver posto os olhos em ti.

Ah! sinto vivamente a falsidade deste sentimento, e conheço neste mesmo instante em que te escrevo, quanto prefiro e prezo mais ser infeliz amando-te, do que não te haver jàmais visto. Cêdo sem murmurar à minha malfadada sorte, já que tu não quiseste torná-la melhor. Adeus.

Promete-me de conservar uma terna e maviosa saüdade de mim, se eu falecer de dôr; e assim possa ao menos a violência da minha paixão inspirar-te desgôstos e afastar-te de tudo! Esta consolação me será suficiente, e se é fôrça que te abandone para sempre, desejára muito não deixar-te a outra. Dize, ¿não seria nímia crueldade a tua, se te servisses da minha desesperação para pareceres mais amável, mostrando que acendeste a maior paixão que houve no mundo?

Adeus outra vez . . .

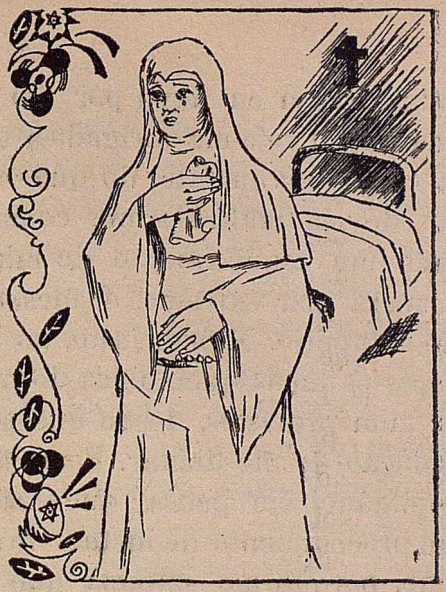
Escrêvo-te cartas excessivamente longas, o que é uma falta de consideração para ti: peço-te mil perdões, e atrêvo-me a esperar que terás alguma indulgencia para com uma pobre insensata, que o não era como tu bem sabes, antes de amar-te.

Adeus.

Parece-me que demasiadas vezes me dilato em falar do estado insuportável em que estou. Contudo agradeço-te, do íntimo do meu coração, a desesperação que me causas, e aborrêço o sossêgo em que vivi antes de conhecer-te . . .

Adeus.

A minha paixão cresce a cada momento. Ah! quantas cousas tinha ainda para dizer-te! . . .



IV

Languídos prazeres que hão-de dar-te as tuas amantes de França

Parece-me que faço grão menoscabo dos sentimentos do meu coração, em procurar dar-te dêles um perfeito conhecimento, escrevendo-os. Quão venturosa seria eu, se tu pudesses avaliá-los justamente pela veemência dos teus! Mas tu não és capaz

de os julgar. nem eu devo pôr em ti essa confiança; assim vejo-me obrigada a dizer-te e ainda menos vivamente do que o sinto, que não devias maltratar-me como fazes, mostrando um esquecimento de mim que me desespera por extremo, e mesmo a ti serve de vitupério. É bem justo, ao menos que toleres os meus queixumes dos infortúnios por mim previstos, desde que soube a tua resolução de me deixar. Bem conheço que me enganei em pensar que terias comigo um procedimento de melhor fé do que é costume, porque me parecia que o meu excessivo amor fazia-me superior a todas e quaisquer suspeitas, e merecia de ti uma fidelidade além da que se encontra de ordidário; mas a tua propensão para trair-me venceu enfim a justiça que devias a tudo quanto por ti havia feito. Não deixaria ainda de ser bem desafortunada, se soubesse que me amavas ùnicamente porque eu te amo, pois quisera tudo dever à tua inclinação. Porém tão longe estou de um tal estado, que são passados seis meses em que nem uma só carta recebi de ti! Todas estas desgraças atribuo à cegueira com que

me abandonei a amar-te.

¿Não deveria eu prever que todo o meu contentamento feneceria mais depressa que o meu amor? ¿Podia eu esperar que te demorasses toda a vida em Portugal, e que renunciasses a tua fortuna e o teu país para te ocupares sòmente de mim?

As minhas penas não podem admitir alívio algum, e a lembrança dos meus prazeres remata a minha desesperação. Como assim? ¿Todos os meus desejos se frustarão e não tornarei mais a ver-te na minha cela, arrebatado da ardente paixão que me mostravas? Mas ai de mim! quanto me engano! Em demasia conheço agora que todos os alvoroços que se apoderavam da minha cabeça e do meu coração, em ti eram excitados sòmente por alguns deleites que acabavam tão ràpidamente como êles. Era-me necessário nêsses momentos felícissimos implorar o auxílio da minha razão para moderar o funesto excesso das minhas delícias e para anunciar-me tudo o que sofro presentemente. Mas entregava-me toda a ti, e não me achava em estado de pensar no que podia amargurar o meu júbilo e impe-

dir-me de gozar plenamente das fervorosas demonstrações da tua afeição. Sentia demasiada satisfação de estar contigo, para poder lembrar-me de que um dia te acharias longe de mim. Lembra-me, contudo, de haver-te dito algumas vezes que me farias desgraçada, mas estes receios desvaneciam-se imediatamente, e comprazia-me em fazer-te dêles o sacrifício, e em abandonar-me ao encanto e à má fé das tuas protestações. Diviso mui bem qual seria o remédio eficaz para os meus males, e dêles me veria cedo livre, se cessasse de amar-te; mas ai de mim! que remédio cruel . . . . Não. Antes quero sofrê-los, e muito mais ainda, do que esquècer-te . .

Ai! ¿Depende isso de mim?

Não posso acusar-me de ter um só momento desejado não te amar. Pode-se ter de ti mais do que de mim; mais vale padecer quanto padeço, do que gozar dos lânguidos prazeres que te dão as tuas amigas de França.

Não invejo a tua indiferença, — fazes-me lástima! . . . Desafio-te a esquècer-me inteiramente... Lisonjeio-me de te haver re-

duzido ao estado de não teres sem mim gôsto que não seja imperfeito, e sou mais feliz do que tu, porque tenho mais ocupação.

Há pouco tempo nomearam-me porteira neste convento. Todas as pessoas que tratam comigo presumem que estou louca. Não sei o que lhes respondo e é necessário que as Religiosas sejam tão insensatas como eu para me julgarem capaz de algum emprêgo e cuidado. Oh! quanto invejo a sorte do Manuel e do Francisco. ¿Porque não estou como êles sempre contigo?

Teria partido em tua companhia, e te serviria seguramente de melhor vontade. Nada apeteço neste mundo senão ver-te. Ao menos lembra-te de mim! Contento-me com a tua lembrança, mas não ouso mesmo averiguar a certeza dela. Em outro tempo não punha eu esse termo às minhas esperanças, quando te via todos os dias; mas ensinaste-me bem a necessidade da perfeita submissão a todas as tuas vontades. Não me arrependo, contudo, de haver-te adorado. Folgo mesmo que me seduzisses. A tua ausência rigorosa, quiçá eterna, em nada di-

minue a veemência da minha paixão.

Quero que todos o saibam; não faço mistérios dela, e tenho a maior satisfação de tudo quanto fiz por amor de ti, contra todas as regras do decôro. Não faço consistir a minha honra e devoção mais do que em amar-te perdidamente toda a minha vida, já que comecei a amar-te . . .

Não te digo todas estas cousas para obrigar-te a escrever-me.

Ah! não te faças violência! Nada quero de ti que não seja espontâneo e do teu próprio movimento — rejeito todas as provas de amor que constrangido me deres. Comprazer-me-ia em desculpar-te, pela razão que te comprazerias talvez em evitar o trabalho de escrever-me: tão profunda é a minha disposição para perdoar-te todas as tuas faltas!

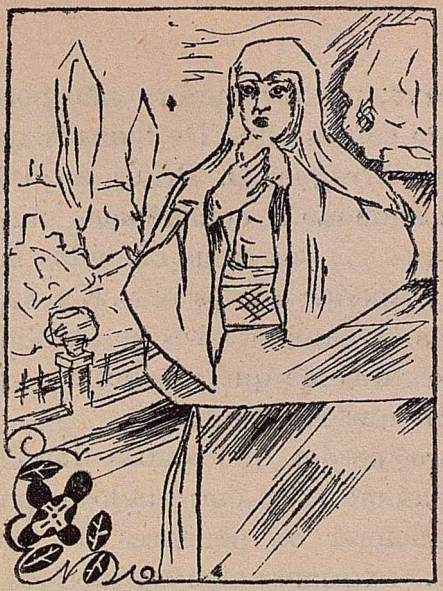
Um oficial francês teve a caridade de passar três horas, ou mais, comigo, falando-me de ti: disse-me que a paz da França estava feita,

¿Se assim é, não poderias tu vir aqui ver-me e levar-me contigo para França?... Mas tanto não mereço . . . faze tudo o que

te agradar . . . O meu amor já agora não depende do modo por que me tratares... Desde a tua partida, não tenho tido um só momento de saúde, nem sinto alívio senão em repetir o teu nome mil vezes no dia.

Algumas religiosas que sabem o estado deplorável a que me reduziste, falam-me de ti freqùentemente. Saio o menos que me é possível da minha cela, aonde vieste tantas e tantas vezes e aí contemplo o teu retrato, que me é mais caro mil vezes do que a própria vida. Dêle recebo algum contentamento, mas a êste sucede uma dolorosa tristeza, quando reflito que não tornarei talvez mais a ver-te. ¿Porque fatalidade será possível que nunca mais te veja? . . . ¿Acaso me abandonaste para sempre? . . . Estou desesperada . . .

A tua pobre Mariana não pode mais . . . Desfalece acabando esta carta . . . Adeus. Adeus . . . Tem compaixão de mim.



V

Como desprezei tudo...!

Esta é a última carta que te escrevo e espero fazer-te conhecer pela diferença dos termos e do estilo dela, que me persuadiste enfim que não me amavas e, portanto, que devo cessar de amar-te. Aproveitarei, pois, a primeira ocasião para mandar-te o que me resta de ti . . . Não arreceies que

te escreva, porque mesmo não porei o teu nome no sobrescrito. De todas particularidades encarreguei D. Brites, a qual eu tinha acostumado a confidências mui diversas desta . . . Os meus cuidados me serão menos suspeitos que os seus. Ela há de usar de todas as cautelas precisas, a fim de poder assegurar-me que recebeste o retrato e pulseiras que me déste.

Quero porém que saibas que desde alguns dias me sinto em estado de poder rasgar e queimar os penhores do teu amor, que tão extremosamente queridos tinha; mas dei-te a conhecer tanta fraqueza, que jàmais terias acreditado que eu chegasse a ser capaz de uma tal extremidade... Quero assim comprazer-me em toda a pena, que experimentei, separando-me dêles e causar-te ao menos qualquer agastamento.

Confesso com vergonha minha e tua, que me achei mais apegada do que quero dizê-lo, a estas ninharias, e que senti serem-me de novo necessárias todas as minhas reflexões para desembaraçar-me de cada uma em particular, quando já me lisonjeava de não ser-te mais afeiçoada. Mas tudo se con-

segue, sendo aí a vontade ajudada de tantas razões.

Entreguei-as a D. Brites . . . Quantas lágrimas me custou esta resolução! Depois de mil agitações, mil incertezas que tu não conheces e de que te não darei conta seguramente, pedi-lhe com as maiores instâncias de não me falar mais nelas, de não restituir-mas, ainda quanto lhas pedisse sòmente para as ver uma derradeira vez, e de enviá-las finalmente, sem dar-me aviso.

Só conheci bem o excesso do meu amor, depois que quiz fazer todos os esforços para curar-me dêle, e creio que não teria ousado tentá-lo, se tivesse antevisto tamanhas dificuldades e tantas violências. Estou persuadida que teria sentido perturbações menos desagradáveis, amando-te, ingrato que és, do que despedindo-me de ti para todo o sempre.

Experimentei que te queria menos do que a minha paixão, e tive axtraordinário trabalho em combatê-la, depois que os teus injuriosos procedimentos me fizeram a tua pessoa odiosa. A altivez, própria do meu

sexo, não me ajudou a tomar estas resoluções contra ti. Ai de mim! Tenho sofrido os teus desprêzos, teria suportado o teu ódio, e até o negro ciúme que me causasse a tua afeição para outra; pois teria tido ao menos alguma com que pelejar, mas a tua indiferença me é insuportável! . . . As tuas impertinentes protestações de amizade e os ridículos cumprimentos da tua última carta me fizeram ver que tinhas recebido tôdas as que te escrevi, que não moveram no teu coração nenhuns afectos, e que todavia as lêste! . . . Ingrato! . . . Tal é ainda a minha loucura, que me desespero por não poder lisonjear-me que elas não chegassem até aí, ou que não te fossem entregues.

Detesto a tua lhaneza . . . ¿Porventura tinha-te pedido de me participares singelamente a verdade? . . . ¿Porque me não deixavas as ilusões da minha paixão?... Bastava não me escrever: eu não procurava ser alumiada e desenganada.

¿Não é grande desdita a minha, quando vejo que não pude obrigar-te sequer a usar de alguma precaução, para continuar a tra

zer-me em doce engano, e que assim não sei mais como desculpar-te?

Sabe pois que percebo enfim seres indigno de todos os meus sentimentos, e conheço tôdas as tuas ruins qualidades. Porém, se tudo quanto obrei por amor de ti, pode merecer que dês alguma, ainda que ténue atenção ao favor que imploro, conjuro-te de não me escrever mais e de ajudar-me a perder inteiramente de ti a memória.

Se levemente mesmo me afirmasses ter sentido algum pesar, lendo esta carta, talvez te acreditaria, e talvez também a tua confissão e o teu consentimento me causariam despeito e ira, e tudo isto poderia atear em mim de novo a chama. Não te embaraces pois com a minha conduta; derrubarias todos os meus projectos, de qualquer modo que te quisesses ingerir nêles.

Não quero saber o sucesso desta carta; não venhas perturbar aquele estado para o qual me disponho. Parece-me que podes estar satisfeito dos males que já me causas, qualquer que fôsse o teu primeiro intento de fazer-me desgraçada.

Não me prives da minha incerteza; espero, com tempo, alcançar por meio dela alguma tranqüilidade.

Prometo de não aborrecer-te; desconfio demasiadamente de todo o sentimento violento, para ousar intentá-lo.

Estou persuadida de que acharia nêste país um amante mais fiel . . . mas ai! ¿quem poderia dar-me amor?

¿A paixão de outrem teria acaso virtude de ocupar-me? . . . ¿Que poder teve a minha sôbre ti?

¿Não fiz eu a experiência, que um coração enternecido não esquece mais o que o fez descobrir transportes que não conhecia e de que era capaz? — ¿que todos os meus afectos e movimentos estão profundamente arraigados ao ídolo que erigiu para a sua adoração? — ¿que as suas primeiras feridas não podem ser nem cicatrizadas, nem extintas? — ¿que tôdas as paixões que lhe oferecem socorro, e com todas as suas fôrças tentam enchê-lo e contentá-lo, lhe prometem vãmente uma sensibilidade que não recupera mais? — ¿que todos os prazeres que procura, sem desejo de os encontrar,

não servem senão para convencê-lo, que nada lhe é tão caro como a lembrança das suas penas?

¿Para que me fizeste conhecer a imperfeição e desagrado de uma paixão, que não deve durar eternamente, e os infortúnios que acompanham um amor violento, quando não é recíproco?

¿E por que causa uma inclinação cega e um cruél destino se aferram de ordinário em decidir-nos por aqueles que nos desamam, e que seriam sensíveis a outros amores?

Quando mesmo eu pudesse esperar qualquer distracção e recreio de uma nova afeição, em encontrar um homem sincero ao qual me aliasse, tenho tanto dó de mim, que faria muito escrúpulo de pôr o mais ínfimo de todos no estado de miséria a que me reduziste e ainda que eu nenhuma obrigação tenha de poupar-te, não poderia resolver-me a exercitar sôbre ti uma vingança tão cruel, no caso mesmo que ela dependesse de mim, por uma mudança que não prevejo.

Procuro actualmente desculpar-te e com

preendo perfeitamente que uma religiosa é em geral pouco amável. Contudo parece que, se os homens fôssem susceptíveis de razão na escolha que fazem deveriam antes namorar-se delas do que das outras mulheres.

Nada as estorva de pensar constantemente na sua paixão; nenhuma das mil coisas que no século servem de ocupação e divertimento as distraem.

Parece-me que não deve ser muito agradável ver as damas que amam sempre distraídas por mil bagatelas, e que é preciso ter bem pouca delicadeza para sofrer, sem uma desesperada impaciência, que êles falem tão sòmente de assembleias, atavios, e passeios . . .

Eles estão expostos incessantemente a novos ciúmes, sendo elas obrigadas a obsequiosas atenções, a complacências e conversações infinitas.

¿ Quem pode assegurar-se de que em tôdas estas ocasiões não sentem algum deleite, e de que suportam todos os deveres de seu estado com estrêmo enôjo e nenhum consentimento? . . .

Ah! ¡quanto devem elas desconfiar de um amante que lhes não pede contas bem exactas de tudo, que acredita fàcilmente, sem inquietação, quanto elas lhe dizem, e que com muita confiança e tranqùilidade as vê sujeitas a tôdas essas obrigações!

Mas não pretendo provar-te com boas razões que devias amar-me, Estes meios são péssimos, e outros muito melhores empreguei eu, que me não aproveitaram.

Conheço demasiadamente qual é a fôrça do meu destino, para diligençiar snperá-lo . . . Hei de ser infeliz toda a minha vida! . . . ¿ Não o era eu quando te via todos os dias? Morria de susto de que não me fôsses fiel. Queria ver-te a cada instante, o que não era possível.

Perturbava-me o perigo a que te arriscavas, entrando neste convento . . . Não vivia quando estavas no exército. Desesperava por não ter mais formosura e ser mais digna de ti. Murmurava contra a mediocridade da minha condição. Imaginava muitas vezes que o amor, que parecias ter por mim, poderia de algum modo prejudicar-te. Julgava, a meu parecer, que não te

amava suficientemente; atemorizava-me a ira dos meus parentes contra ti. Estava, enfim em um estado tão lastimoso como aquele em que presentemente me acho.

Se me tivesses dado algumas provas da tua paixão, depois que estás ausente de Portugal, teria feito todos os esforços para sair também dêle e, disfarçada em outros trajes, ir encontrar-me contigo . . .

Ai! ¿que teria sido de mim se depois de ter chegado à França, tu ali de mim nenhum caso fizesses? Que desordem! que desatino! que cúmulo de vergonha para a minha família, que tão cara me é, depois que te não amo!

Bem vês que, a sangue frio, conheço que era possível chegar a ser ainda mais miserável e mais digna de comiseração do que eu sou, e que ao menos te falo uma vez na vida do bom siso . . . ! Quanto a minha moderação te será grata! ¡Quanto ficarás contente de mim!

Não quero sabê-lo . . . Já te pedi de não tornar a escrever-me e de novo te suplico com a maior instância o mesmo.

¿Acaso nunca fizeste alguma reflexão

sôbre o modo por que me tens tratado? ¿Não te vem ao pensamento jàmais as muitas obrigações que me deves, com preferência a tôdas as pessoas do mundo? Amei-te como uma louca! . . . ¡Que desprêzo tinha para tôdas as cousas! . . . O teu procedimento não é dum homem honrado.... A não teres tido aversão natural para mim, era forçoso que me amasses descomedidamente.

Deixei-me encantar por qualidades muito medíocres! . . .

¿Que obraste tu jàmais que houvesse de agradar-me? . . . ¿Que sacrifícios me fizeste? . . . ¿Não correste após mil divertimentos? . . . ¿Descontinuaste porventura o jôgo e a caça? . . . ¿Não fôste tu o primeiro a partir para o exército? . . . ?Não fôste o derradeiro a de lá voltar? . . . Expuzeste ali loucamente a tua vida, a pesar de haver-te rogado tanto de a poupar por amor de mim . . .

Não procuraste com diligência os meios de estabelecer-te em Portugal, aonde eras estimado.

Uma carta de teu irmão decidiu-te a

partir, sem a menor hesitação. ¿E não soube eu que durante a viagem conservaste a mais alegre disposição?

Forçoso é confessar que tenho obrigação de aborrecer-te mortalmente. Ah? eu mesma carreei todas as minhas desgraças . . .

Acostumei-te logo no princípio a uma grande paixão com demasiada candidez, e é necessário artifício para ser amada. É necessário procurar com destreza os meios de inflamar:—o amor por si só não chama amor.

Pretendias que eu te amasse e, como tinhas formado êste desígnio, estavas resoluto a empregar todos os expedientes para conseguir o teu intento, até mesmo a amar-me devéras, se necessário fôsse. Mas cedo conheceste que podias sair bem da empresa, sem te deixar levar de amor por mim, e que esta paixão era escusada. Que perfídia! . . . ¿Cuidas tu que pudeste impunemente enganar-me? . . . Declaro-te que se por algum acontecimento fortuito voltares a êste país, eu mesma te entregarei à vingança dos meus parentes. Vivi muito tempo em um abandono e em uma idolatria

que me horrorizam, e os meus remorsos perseguem-me com um rigor insuportável. Sinto vivamente a vergonha dos crimes que me fizeste cometer e falta-me, ai de mim! a paixão que me estorvava o conhecimento da enormidade dêles . . . ¿Quando deixará o meu coração de ser dilacerado? ¿Quando me verei eu livre dêste embaraço cruel? . . . Contudo, creio que não te desejo mal algum e que me resolveria a consentir que fôsses feliz . . ¿Mas como poderás tu sê-lo jamais, se tens um bom e bem formado coração? . . . Quero escrever-te outra carta para mostrar-te que poderei talvez estar tranqüila dentro de algum tempo. ¡Que gôsto será o meu de poder então lançar-te em rosto os teus iníquos procedimentos, depois que êstes já me não causarem comoção e de dar-te a conhecer que te desprezo, que falo com a maior indiferença da tua traição, que esqueci todos os meus pesares e tôdas as minhas penas, e que só me lembro de ti quando muito quero lembrar-me!

Convenho em que tens grandes vantagens sôbre mim, e que me inspiraste uma

paixão que me fez perder todo o siso, mas pouco deves vangloriar-te disto . . .

Era jóvem, era crédula, tinham-me encerrado desde a infância neste convento; aqui não tinha senão gente desagradável; jamais tinha ouvido os louvores que me davas continuadamente; parecia-me que te devia os atractivos e a beleza que dizias admirar em mim e que me fazias conhecer; ouvia dizer muito bem de ti, todos me falavam em teu favor, tu fazias tudo para espertar o amor . . .

Mas, enfim, quebrei êste encanto . . . verdade é que me déste poderosos auxílios, e confesso que dêles tinha extrema necessidade.

Ao remeter-te as cartas, que tinha tuas, guardarei cuidadosamente as duas últimas, e as tornarei a ler ainda mais vezes do que li as primeiras, como preservativo de recair nas minhas fraquezas. Ah! ¡quanto estas me custam caro, e quanto teria sido feliz se houvesses querido sofrer que eu te amasse sempre! . . .

Começo mui bem que ainda com alguma demasia atendo à tua infidelidade e às mi-

nhas argüições queixosas; mas recorda-te que eu me tenho prometido um estado mais sossegado, e que hei de alcançá-lo ou hei de tomar contra mim alguma resolução violenta, cujo êxito conhecerás sem muito desprazer . . .

Mas de ti nada mais quero . . . Sou uma insensata em repetir-te as mesmas cousas tantas vezes . . . E' necessário deixar-te e desviar de ti para sempre o pensamento. Creio mesmo que não tornarei a escrever-te . . .

¿Acaso tenho obrigação de dar-te exacta conta de todos os diversos movimentos do meu coração?

FIM

BIBLIOTECA PUBLICA E ARQUIVO DISTRITAL EVORA

OBRAS JÁ PUBLICADAS:

GABRIELLA DE LONGUEVILLE

POR PEDRO ZACONI

romance de amor e aventuras . . . 6$00

SOROR MARIANA ALCOFORADO

Cartas de amor ao Cavalheiro de Chamilly

NO PRELO:

BUG-JARGAL

novela histórica por VICTOR HUGO

A MULHER DEMONIO

POR P. FEVAL

romance de amor e aventuras

Tipografia — IMPRENSA ARTISTICA — R. Diário Noticias, 113-115 — LISBOA